

P2

Coluna Espaço aberto

29 NOV 1991

De quem será o século 21?

ESTADO DE SÃO PAULO

MANSOUR CHALLITA

Apesar das profecias que pesam sobre os milênios, tudo indica que o ano 2000 não trará o fim do mundo. Trará, ao contrário, a perspectiva de um mundo mais maravilhoso que todos os sonhos. Mas, quando soar a primeira hora de janeiro de 2001, não entrarão todos os países no século 21. Muitos estarão ainda na Idade Média. Em que século estará o Brasil no ano 2000?



A resposta dependerá do que vai ele fazer com a educação nesta última década do século 20. Pois, no século 21, o lugar de cada país no mundo dependerá menos de sua extensão territorial, número de habitantes e recursos naturais do que do nível cultural de suas elites e de seu povo, de sua capacidade de resolver os novos problemas e criar os instrumentos de progresso que o século requererá.

O mundo do século 21 poderá continuar a ser dividido politicamente por fronteiras nacionais. Mas econômica, científica e tecnologicamente será cada vez mais um mundo só. Num livro de visão baseada em documentação, **The Work of Nations. Preparing Ourselves for the 21th Century (O Trabalho das Nações. Preparando-nos para o Século 21)**, o pesquisador americano Robert B. Reich mostra como as grandes invenções desconhecerao as fronteiras nacionais e como os países mais adiantados colaborarão entre si para criar os produtos milagrosos que revolucionarão a agricultura, a cirurgia, os sistemas de comunicação, a produção de alimentos, a computação, a longevidade, a beleza das mulheres, a criatividade do cérebro, a estratégia militar e os demais campos da atividade humana — colocando os países que os tiverem inventado tão acima dos outros que estes deverão importar os novos produtos ou deixar de evoluir. Aqueles são os países que estão cuidando hoje da educação de seus filhos para que, entre eles, surjam amanhã os gênios que transformarão o mundo.

No Brasil, os problemas atuais

têm impedido tanto os pensadores como os governantes de cuidar do futuro. Mas o futuro está chegando e, se ele não nos encontrar preparados, irá beneficiar outros. A criança que estuda hoje no Rio (onde a educação é tão atrasada que o governo determinou a volta dos professores à escola) não irá competir no século 21 com as que estão estudando em Belo Horizonte, Manaus ou São Paulo, onde a educação talvez seja ainda pior. Ela irá competir com as crianças que estudam em Paris, Genebra ou Los Angeles, porque é para os cidadãos de todos os países que será aberta a concorrência mundial de criar os produtos prodigiosos do século 21.

O mundo de amanhã pertencerá aos que estão cuidando da qualidade do ensino nas escolas e universidades, pré-condição para vencer na corrida científica. O Japão deve seu surto internacional à qualidade e à importância que reconhece à educação. Simbolicamente, quando um político japonês solicita a uma indústria que instale uma fábrica na sua zona, a indústria lhe pede em primeiro lugar informações sobre a qualidade das escolas locais e o nível cultural da população.

Por contraste, um país que gasta bilhões com funcionários ociosos, estatais deficitárias e tantas câmaras municipais de discutível utilidade, a ponto de não lhe sobrar dinheiro para proporcionar uma educação condigna a suas crianças, tem pouca chance de chegar ao século 21 no ano 2000. Quantos gênios em potencial estão sendo desperdiçados no Brasil entre os milhões de crianças pobres que não recebem educação alguma ou educação inadequada! Eles é que fariam a diferença entre o que o Brasil será e o que poderia ser no século 21.

Cada século tem sido caracterizado pela predominância de um tipo humano: houve o século dos bárbaros, dos profetas, dos ciganos, dos santos, das bruxas, dos senhores feudais, dos filósofos, dos libertadores. O século 21 será o século dos cientistas. A ciência fará de certos países novos paraísos. O atraso científico fará de outros países mendigos às portas dos paraísos.

■ **Mansour Challita, escritor e jornalista, é presidente da Associação Cultural Internacional Gibran**